



Jaime da Silva Araujo nasceu em 1939 entre os índios Kaxinawá, no Acre. Seu nome indígena, Tyryetê Kaxinawá, significa “saber repartir”. Criado por um casal de seringueiros cearenses, trabalhou na Amazônia como seringueiro, horticultor e pescador. Para enfrentar a realidade de abuso à qual estavam submetidos os extrativistas, engajou-se na luta política que, em 1984, desembocou na criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, do qual foi presidente até 1989. Além da defesa dos direitos dos trabalhadores, preocupava-se com a preservação da floresta. Paralelamente à militância, desenvolveu obras artísticas: livros, poesias, desenhos e ilustrações. Na década de 1990 mudou-se para Curitiba, onde participou da implementação da Universidade Livre do Meio Ambiente e de projetos de educação ambiental. Escreveu o livro de cordel “Do Nordeste ao Seringal”; “A Amazônia – o Seringueiro e a Reserva Extrativista” e “Terra que sofre – Floresta que morre”, uma coletânea de poesias ecológicas. Morreu em Macapá em 2010.

Vanessa Durando

Com imenso respeito e profundo afeto, o MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná apresenta a exposição inédita de seu acervo pictórico “Amazônia Viva”, composta por 16 obras plásticas de Tyryetê Kaxinawá ou Jaime Araújo, nome de ‘branco’ que recebeu e adotou e que lembra-nos das fusões, associações, significados múltiplos do trânsito que a vida impõe e revela. Tyryetê repartiu conosco nas cores, luzes e sombras de suas telas, elementos dessas muitas faces – nem sempre justas e agradáveis, diga-se – expressas nos movimentos da vida: a um só tempo frágil e hostil. “Amazônia Viva” mostra dualidades, ambiguidades, aniquilamentos, destruições, mas também beleza e leveza. Mostra, sobretudo, a infinita paixão e indissociabilidade com as quais Tyryetê percebia a floresta, seus povos, suas riquezas. Nesse seu modo de ver, uma preciosa lição.

A coleção “Amazônia Viva” foi adquirida pelo MAE no ano de 2008 e integra o acervo da Unidade de Documentação Visual do Museu.

Márcia Cristina Rosato

Tyryetê encarna um fragmento da história do Brasil. Nele, as profundezas da floresta acreana renascem como memória plástica e instrumento de uma luta justa contra os estragos da colonização. Tyryetê, Kaxinawá e seringueiro, sempre conservou em sua memória ativa as lembranças do local onde se criou e que apreendeu a amar com a intensidade do nativo que, submetido aos limites da sobrevivência, aprende a fazer dela a arte de viver. Essa memória se expressa, verde e exuberante, nos quadros desta exposição. Misturada às lembranças, Tyryetê criou uma forma própria de materializar essa memória e acrescentar esse ponto de criatividade que faz brilhar as cores de um modo especial e que integra pessoas e animais em um mundo de vida vegetal em que tudo o engole sem oprimi-lo. A presença permanente da floresta representa a manifestação da vida e não apenas uma paisagem para narrar uma cena qualquer. É a essa vida que Tyryetê dedicou a sua, e da qual quis deixar o registro de um artista original.

Miguel Alfredo C. Naveira